

# Aprendizagem de idiomas na terceira idade: muito além de um passatempo

*Janaina da Silva Cardoso (UERJ)*

*Ana Karoline de Araújo Gonçalves Ribas (UERJ)\*<sup>1</sup> | Karen Costa da Silva (UERJ)\*<sup>2</sup>*

*Nathalia Araújo Duarte de Gouvêa (UERJ)\*<sup>3</sup> | Soraia Cristiana de Sousa Costa (UERJ)\*<sup>4</sup>*

## Resumo

Por muito tempo acreditou-se que quanto mais jovem o aluno, melhor seria o aprendizado de uma língua estrangeira. As razões geralmente estavam ligadas a fatores biológicos. O argumento mais utilizado era que deveríamos aproveitar esse momento em que o cérebro ainda não estava totalmente formado, pois se acreditava que, depois de formado, ele não mais evoluiria. No entanto, estudos mais recentes comprovaram que nosso cérebro tem uma característica importante: a plasticidade. Ou seja, o cérebro está em constante transformação. Acredita-se agora que não só o adulto tem condições de aprender uma língua estrangeira, como também a atividade de aprendizagem tem um papel essencial na qualidade de vida do idoso. No entanto, dadas as dificuldades peculiares à idade, à escolha da abordagem e do material adequado, torna-se de extrema importância para esse grupo que se mantenha motivado durante todo o processo de aprendizagem, o que ajuda na fixação de novos conhecimentos. Sendo assim, no curso de inglês do programa LICOM/LETI temos buscado, ao optarmos por uma pesquisa participante, atender às necessidades e preferências desses alunos. Este trabalho apresenta alguns dos resultados de nossa pesquisa: inicialmente, são apresentadas algumas das características dos alunos do projeto LICOM/LETI-Inglês e uma breve discussão sobre teorias que podem servir de embasamento para o ensino-aprendizagem na terceira idade. Em seguida, é discutida a adoção de materiais didáticos para este público, e, finalmente, são relatadas algumas das experiências vividas pelos estagiários do projeto.

## 1. Introdução

O Instituto de Letras da UERJ, utilizando o Programa Línguas para a Comunidade – Línguas Estrangeiras para a Terceira Idade (LICOM/LETI) –, oferece à UnATI (Universidade Aberta da Terceira Idade) cursos de 5 línguas estrangeiras (Inglês, Espanhol, Francês, Italiano e Alemão), ministrados por graduandos-estagiários e coordenados por professores dos diferentes setores. Este estudo tem por objetivo apresentar algumas das características desses alunos do programa LICOM/LETI, mais especificamente, dos que frequentam as aulas de língua inglesa.

Embora a procura pelos cursos de idiomas oferecidos pelo Instituto de Letras da UERJ à UnATI (Projeto LICOM/LETI) seja bem grande, ainda há pouco estudo sobre o perfil de nossos alunos, o que dificulta o desenvolvimento de uma metodologia adequada às necessidades específicas desse público. Muitas vezes o trabalho realizado

\*<sup>1</sup> Orientadora: Janaina da Silva Cardoso, Estagiária de Iniciação à Docência, Bolsista Ceteirena – UERJ.

\*<sup>2</sup> Orientadora: Janaina da Silva Cardoso, Monitora Bolsista pelo Ceteirena, Estagiária de ID Voluntária.

\*<sup>3</sup> Orientadora: Janaina da Silva Cardoso, Estagiária de Iniciação à Docência, Bolsista Ceteirena – UERJ.

\*<sup>4</sup> Orientadora: Janaina da Silva Cardoso, Monitora Bolsista pelo Ceteirena, Estagiária de ID Voluntária.

ainda é muito empírico, considerando apenas a visão dos professores/estagiários, sem apresentar as opiniões dos estudantes. No caso do curso de inglês para terceira idade, temos tentado conhecê-los melhor, utilizando questionários e outras atividades introdutórias (logo no início de cada curso), para o levantamento de suas necessidades, desejos e expectativas. No entanto, nem sempre foi assim.

Apenas em 1999, foi realizada uma primeira pesquisa (Cardoso, 1999) para verificar se as premissas do professor que na época atuava com ensino de inglês na UnATI-UERJ correspondiam aos reais desejos, necessidades e expectativas dos alunos. O resultado demonstrou visões bem distintas entre professor e alunos. Enquanto aquele acreditava que os alunos queriam apenas estudar inglês como uma forma de lazer, estes tinham diferentes razões para aprenderem a língua, como futuras viagens, parentes no exterior ou aprimoramento linguístico. Este primeiro estudo serviu como base para a alteração do currículo do curso e da metodologia adotada. Atualmente, utilizamos a abordagem comunicativa, e, embora diferentes competências linguísticas sejam desenvolvidas durante o curso, o foco recai na oralidade.

Desde então, novos estudos foram realizados, sempre buscando entender melhor o público que procura o curso de inglês do Projeto LICOM/LETI e, desta forma, fazer com que ele sirva realmente para uma melhora na qualidade de vida de seus participantes, e atenda às suas expectativas.

Este estudo começa apresentando questões importantes para o aprendizado de idiomas na terceira idade. Em seguida, registra os resultados de nosso último estudo, que busca traçar o perfil dos alunos do curso de inglês do Projeto LICOM/LETI, entender os motivos que os levam a fazer o curso e, finalmente, apresentar a opinião deles em relação ao material didático ideal para sua aprendizagem.

## 2. Pressupostos Teóricos

### 2.1 Plasticidade cerebral: desfazendo o mito da idade ideal para aprendizagem de idiomas

*As atividades promotoras de estimulação mental podem contribuir na prevenção do declínio cognitivo.*

Guerreiro e Caldas, 2001

Por muito tempo, acreditou-se que quanto mais jovem o aluno, melhor seria o aprendizado de uma língua estrangeira. As razões geralmente estavam ligadas a fatores biológicos. O argumento mais utilizado pelos defensores da teoria do período crítico para o aprendizado de idiomas era que deveríamos aproveitar esse momento em que o cérebro ainda não estava totalmente formado, pois se acreditava que, depois de formado, ele não mais evoluiria.

Em oposição à teoria do período crítico, há o resultado das pesquisas mais recentes que demonstram que nosso cérebro tem uma característica importante – a plasticidade cerebral (Almeida, Berger & Watanabe 2007, Relvas 2005, Gonçalves 2010, Guerreiro e Caldas 2001). Ou seja, o cérebro está em constante transformação.

Durante muitas décadas acreditou-se que o cérebro não possuía capacidade de regenerar suas células nervosas, ou seja, formar novas sinapses e que as conexões entre os neurônios congelavam-se em posições imutáveis. Hoje, sabe-se que o cérebro muda durante a vida e que essa mudança é benéfica. Essa plasticidade dispara um mecanismo pelo qual o cérebro remodela-se para aprender a sentir-se melhor, ou pode ser induzido a se autoreparar, para pensar melhor, denominando-se processo de autopoiese humana... (Relvas 2005, p. 14)

Gonçalves (2010) aponta como uma das formas de se manter o cérebro em constante transformação a busca contínua por atualização, pois exercícios mentais desempenham um importante papel na plasticidade cerebral. Guerreiro e Caldas (2001) também apresentam vários estudos que ligam as atividades intelectuais ao retardo dos transtornos cognitivos; um desses estudos é o de Vargas (1981), que afirma:

A experiência clínica tem mostrado que nas pessoas de vida ativa, intelectual ou artística, a deterioração dos rendimentos intelectuais e mnésicos produz-se tardiamente e com mais lentidão”. Destaca ainda que “a atividade das funções intelectuais de forma contínua impede o declínio sistemático que se observa entre aqueles cujas atividades cotidianas são mecânicas e desvinculadas do exercício dessas funções. (Vargas, 1981, citado em Guerreiro e Caldas, 2001, p. 24)

Lima (2001), também abordando a importância do processo de aprendizagem para uma velhice saudável, menciona que, em discussões sobre a importância da educação para idosos, são vinculadas duas perspectivas teóricas: na primeira, a educação é vista como socioterapia, “promovendo e estimulando a integração social” (educação como promoção social); e a segunda “concede um envelhecimento melhor para aqueles que mantêm a mente ativa através de atividades educativas.” Neste segundo caso, a educação é concebida tanto como “ginástica mental” quanto como “um instrumento para a aquisição de novos conhecimentos”.

Fica claro que a premissa da idade ideal baseada em processos biológicos, pelo menos em relação ao cérebro, não se aplica. Acredita-se agora que não só o adulto tem condições de aprender uma língua estrangeira, mas também a atividade de aprendizagem tem um papel essencial na qualidade de vida do idoso.

A ideia do envelhecimento como determinante único e implacável no declínio da memória foi desmistificada, levando os idosos a perceberem que problemas de memória não ocorrem somente com eles e, ainda, que podem atuar sobre o seu processo de envelhecimento, imprimindo-lhe contornos próprios, e não sofrendo, simplesmente, os efeitos do mesmo. Assim, salientou-se a importância dos fatores comportamentais

como codeterminantes da memória e de um estilo de vida saudável para o bom funcionamento da mesma. O reconhecimento da plasticidade cerebral foi acompanhado da apropriação, por parte dos integrantes da oficina, de seu protagonismo quanto ao caminho a trilhar para a promoção de um envelhecimento saudável. (Almeida, Berger & Watanabe 2007, p. 278)

Entender o que motiva cada um de nossos alunos é essencial para uma boa aprendizagem de idiomas, independentemente da idade. Talvez o sucesso no ensino de idiomas esteja em proporcionar um ambiente de prazer a estudantes de qualquer idade. No entanto, é necessário também elaborar atividades de acordo com as necessidades de cada grupo. Não podemos simplesmente utilizar materiais e metodologias desenvolvidas para crianças ou adolescentes com o público adulto. Precisamos entender melhor como funciona o processo de aprendizagem de línguas estrangeiras pelos adultos, para adequarmos o ensino a suas necessidades.

## 2.1 A questão da adoção de material didático para a terceira idade

Em todas as pesquisas realizadas com os alunos do curso de inglês do LICOM/LETI (Cardoso 1999, 2012, Cardoso, Oliveira e Rego 2010, Dantas 2008, Lopes 2014), ficou claro que estes alunos da terceira idade querem aprender a língua, e não só passar tempo. Muitos querem viajar ou tem interesse pela cultura do país; alguns têm parentes no exterior, ou querem conseguir entender e cantar músicas de sua preferência. Isso pode ser reiterado pelo resultado da presente pesquisa (vide 4.2). O problema que surge é como escolher ou desenvolver um material didático para este público específico. Normalmente, optamos por preparar materiais customizados. As pesquisas anteriores apontaram para esta solução (Cardoso 1999, 2012, Cardoso, Oliveira e Rego 2010, Dantas 2008, Lopes 2014), principalmente pela dificuldade para encontrar material adaptado à realidade deles, que querem viajar, falar de suas famílias, de seu passado. O caráter lúdico é essencial e as atividades que auxiliem a memorização também são primordiais. A reciclagem tem que ser constante e o material deve ter apelo visual, mas, ao mesmo tempo, tem que ser agradável visualmente (para facilitar a leitura) e no conteúdo (para ajudar na consolidação do aprendizado).

Machado, Chaves e Oliveira (2009, p.37) também defendem a produção de materiais específicos para este público.

Assim sendo, com o grupo de terceira idade existe uma preocupação especial, em preparar material didático específico, que realmente atenda aos interesses do grupo. Os temas e as atividades, utilizados nas aulas, são conduzidos de forma a motivar o aluno a comunicar-se. Machado, Chaves e Oliveira (2009, p. 37)

Em sua pesquisa de mestrado, Paulo Roberto Lopes (2014), antigo professor-estagiário do programa LICOM/LETI-Inglês, faz a proposta de que “sejam desenhados

materiais didáticos específicos para o ensino de inglês para a terceira idade” (Lopes 2014: 145). No entanto, ele chega a esta conclusão após seu estudo que aponta a falta que os alunos da terceira idade sentem de um livro didático, como suporte para seus estudos:

Os aprendizes mostraram-se saudosos para com o livro didático que já utilizaram há alguns anos atrás no curso. Eles afirmaram abertamente que sentem falta de um livro. Para eles, o livro não só reduz significativamente o número de cópias e apostilas isoladas como também funciona como um guia a ser fielmente seguido pelo professor. (Lopes 2014, p.144)

No passado, já foram adotados livros didáticos com estes grupos de alunos. Um era voltado para este público (Classical English, Ed. Pearson Longman), e o outro atendia bem às suas necessidades (American Strategies, Ed. Oxford), com muitas atividades lúdicas, foco na oralidade e para um público-alvo adulto. No entanto, as duas séries saíram de circulação. Voltou-se, então, à preparação de materiais pelos estagiários.

A presente pesquisa, entretanto, demonstra que estes alunos sentem falta de um livro didático. Algumas das razões para a não utilização unicamente de material elaborado por estagiários, apontadas pelos estudantes em conversas informais, foram: a falta de continuidade, dificuldade de percepção de progresso, difícil memorização e organização, falta de apelo visual, dificuldade para estudar e gastos com cópias, que depois ficam soltas ou se perdem.

Holden (2009, p. 18) diz que “o livro didático por ser amigo ou um inimigo!”, depende principalmente da escolha e do uso que fazemos dele.

Como amigo, ele lhe oferece uma estrutura de ensino. Serve para atingir seus alvos e objetivos gerais tanto quanto para refletir sobre as necessidades da sala de aula... O livro didático ideal lhe oferece material suficiente para que você possa selecionar, o que for mais apropriado para uma aula, mas não o bastante para que você se sinta sobrecarregado. Holden (2009, p.18)

Holden (2009, p.18 e 162) acrescenta que para escolher este livro didático “ideal” é necessário tempo e critérios. Tomlinson & Masuhara (2005) também focam na importância do estabelecimento de critérios formais (universais, específicos e locais), para avaliação de materiais.

É de vital importância desenvolver um conjunto de critérios formais para o uso em determinada avaliação e, em seguida, empregá-los como base para a elaboração de outros conjuntos. Inicialmente, isso exige muito esforço e tempo, mas será útil não somente para esclarecer seus princípios de aprendizagem e ensino de idiomas, mas também para assegurar que suas avaliações futuras sejam sistemáticas, rigorosas e acima de tudo, fundamentadas em princípios. Tomlinson & Masuhara (2005, p. 9-10)

Tomlinson & Masuhara (2005, p. 5-9) mencionam também que a adoção deve ser acompanhada de um processo de constante avaliação, em três fases: avaliação de pré-utilização, avaliação durante a utilização e avaliação de pós-utilização.

Para nossa avaliação do material didático, utilizamos alguns dos critérios apresentado por Holden (2009, p. 162): nível, faixa etária, horas por semana, número de alunos, equipamentos disponíveis, acesso à internet em sala, acesso à internet fora da escola, outros materiais a serem utilizados, material atual (pontos fortes e fracos), outros critérios (relevância dos assuntos para os interesses desses alunos, conteúdo atualizado, variedade de atividades, visual, preço, adequação do vocabulário ao nível e à idade dos alunos, vocabulário claramente contextualizado, conteúdo intercultural, material sonoro, aceitação pelos próprios alunos e pelos estagiários) [Vide ficha de avaliação no anexo 1].

### 3. Metodologia de Pesquisa

Este estudo busca responder às seguintes questões:

- Qual o perfil dos alunos do curso de inglês do Projeto LICOM/LETI?
- O que leva o aluno da terceira idade a estudar inglês? Eles estão no curso apenas para passar tempo, sem compromisso com a aprendizagem do idioma?
- Qual a opinião deles em relação à adoção de materiais didáticos?

Para responder a esses questionamentos, desenvolvemos uma pesquisa-ação, onde foram utilizados questionários de levantamento de necessidades, e a análise dos relatos das estagiárias envolvidas no processo. No início do ano de 2014, os alunos responderam a um questionário, para que fosse traçado um perfil deles. Fizemos uma comparação com estudos anteriores, mas, neste artigo, vamos focar no perfil deste grupo específico. O questionário visava à adoção de uma metodologia (incluindo materiais didáticos e outras atividades) que atendessem às necessidades e preferências específicas dos estudantes da terceira idade. No estudo de 2014, conseguimos envolvimento de cerca de 50 alunos com mais de 60 anos, do curso de inglês do Projeto LICOM/LETI. Esta pesquisa pode ser considerada pesquisa-ação, pois o desafio surgiu da prática, e seus resultados influenciaram e continuarão a influir nesta prática, pois a principal ação é exatamente a busca por melhores procedimentos. No segundo semestre de 2014, foi pedido às estagiárias que fizessem relatos de suas experiências, para que fossem apresentados em forma de pôster na VIII Jornada de Estudos da Linguagem (JEL). Neste artigo, utilizaremos o modelo de Bortoni-Ricardo (2008) para análise tanto de alguns dos dados coletados com questionários de levantamento de necessidades, como dos relatos das estagiárias. Para tanto, dividiremos os resultados em asserções e buscaremos nas respostas aos questionários e nas falas das estagiárias a comprovação dessas ideias.

## 4. Resultados

### 4.1 Perfil dos participantes do curso

Nos três estudos, buscando desenhar o perfil dos alunos de inglês do LICOM/LETI-Inglês, as mulheres aparecem sempre como a maioria. Em 1999 eram 84%; em 2010, houve um aumento do público masculino e as mulheres representaram 69%, mas em 2014, o índice voltou a ser muito parecido com o de 1999, e, hoje, temos um percentual de 83% mulheres.

Embora não tenha havido um levantamento quanto às idades em 1999, percebemos, pelos estudos de 2010 e 2014, que, em geral, não há grande variação percentual, sendo que o maior grupo se encontra na faixa entre 66 e 70 anos.

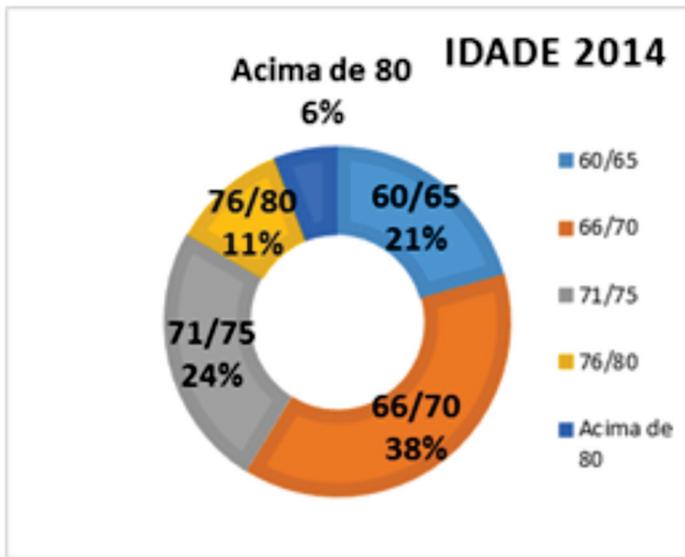
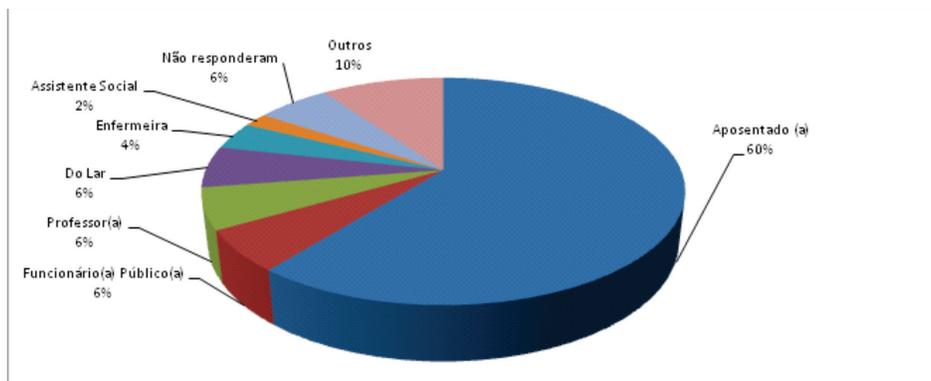


Figura 1 – Idade – estudo de 2014

Quanto às profissões, a grande maioria (60%) é de aposentados. É interessante notar, porém, que há um bom percentual de participantes (40%) que não se intitulam aposentados. Alguns ainda se encontram no mercado de trabalho, mas podemos supor que certas pessoas continuam a ver suas profissões como seus papéis sociais, ou como parte de suas identidades, e a aposentadoria apenas como uma fase da vida, e não exatamente uma profissão.



**Figura 2 – Profissões - estudo de 2014**

A maioria desses alunos (55%) já estudou inglês anteriormente, e inglês continua sendo a língua de maior interesse por eles; entretanto, cerca de 10% estuda (ou estudou) outra língua. Na pesquisa de 2010, aparecem espanhol (3%), alemão (2%) e italiano (2%). Já no estudo de 2014, são citados os seguintes idiomas: espanhol (4%), alemão (3%), francês (3%) e italiano (2%). Os grupos que só estudam inglês foram de 93% em 2010 e 88% em 2014.

*... principalmente pois a maior porcentagem de nossos alunos demonstraram ser mulheres solteiras, divorciadas e viúvas acima dos 65 anos. (E2)*

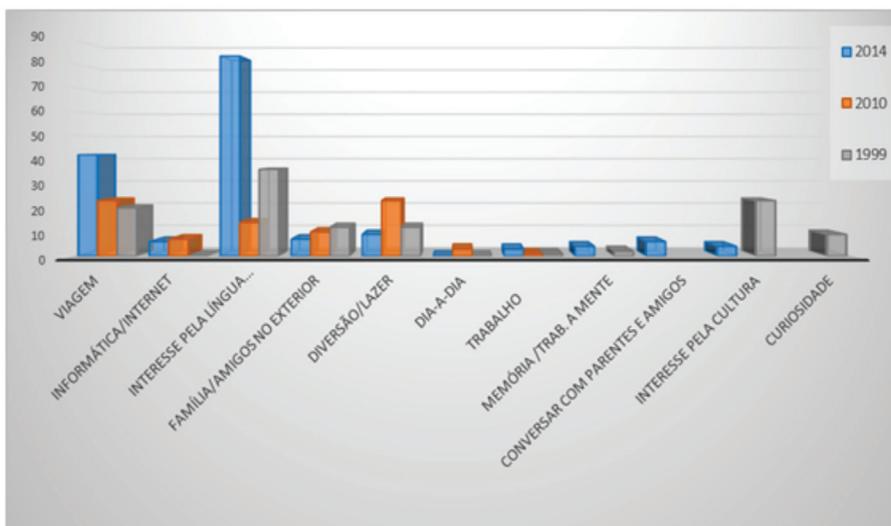
Se considerarmos que a maioria dos entrevistados eram mulheres, podemos concluir que a maior parte dos participantes dos grupos de inglês são mulheres que vivem sozinhas (viúvas ou solteiras), entre 60 e 75 anos (se acrescentarmos as duas faixas etárias que aparecem em segundo lugar, quase empatadas), e geralmente são aposentadas. Boa parte dos alunos já havia tido experiências anteriores com o estudo da língua inglesa, e alguns já tinham estudado (ou ainda estudam) outras línguas.

#### **4.2 Asserção 1: Estudar idiomas na terceira idade é muito mais do que apenas um passatempo**

***Subasserção 1.1: Os alunos apresentam diferentes razões para estudar inglês, mas todas estão ligadas a uma real aprendizagem da língua***

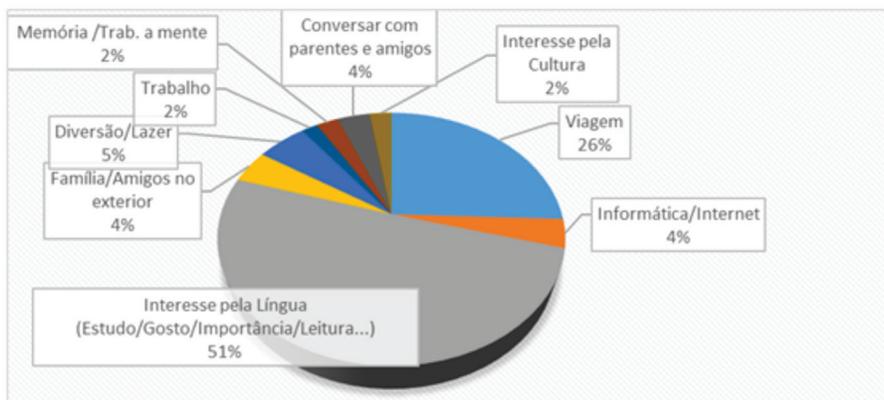
Lima (2001, p. 59) apresenta duas perspectivas teóricas sobre a importância da educação de idosos. A primeira concebe a educação como socioterapia, promovendo e estimulando a integração social. Por outro lado, a outra concebe a educação como uma forma de ginástica mental, evitando assim a deterioração das atividades cognitivas, como um instrumento de novos conhecimentos. Se considerarmos os resultados de nossas pesquisas, perceberemos que os idosos que procuram os cursos de inglês do

LICOM/LETI querem de certa forma as duas coisas: buscam o social, a interação, mas também desejam aprender o idioma, pois querem viajar ou têm parentes ou amigos no exterior.



**Figura 3 – Razões para estudar inglês – estudo comparativo**

Na primeira pesquisa, o interesse pela língua foi apresentado como a principal motivação, seguido pela estima pela cultura e viagens. Já no estudo de 2010, viagens e lazer foram apresentados como as principais razões para procurarem os cursos (Fig. 3). De novo no estudo de 2014, o interesse pela língua aparece em primeiro lugar (51%), seguido pelas viagens (26%) [Fig. 4].



**Figura 4 – Razões para estudar inglês na UnATI/UERJ**

Se considerarmos a moradia de familiares e amigos no exterior também como motivação para viagens, este índice passa para 30%. Estes dados comprovam que o “saber” pode ser considerado um dos principais produtos oferecidos pela UnATI/ UERJ (Lima, 2001, p.65), e não somente o “lazer” ou a pura socialização, como muitos podem crer.

Percebemos que não bastava desenvolver atividades lúdicas para esse público. Era necessário implementar dinâmicas que atendessem especificamente a suas expectativas, desejos ou necessidades, reafirmando-se assim o principal papel da UnATI/ UERJ: promover atividades socioculturais e educativas para idosos (Veras e Caldas, 2004, p.55).

Devido sempre viajarem e terem amigos, familiares em outros países, buscam por materiais voltados para o turismo com ênfase na oralidade, expressões e diversos contextos. Além disso, eles querem se sentir pronto para qualquer situação que lhes apareça. (E1)

*O resultado de nossa pesquisa com alunos do curso de inglês da do LICOM/LETI são contrários ao que muitos pensam. Os alunos não buscam só se socializarem, eles se sentem no dever de aluno, que implica cumprir todas as tarefas que são dadas pelo professor. (E1)*

*Muitos só querem realmente botar o cérebro para trabalhar mas vários querem usar o inglês para viajar ou usar o computador. E ao longo do ano fui percebendo que foram usando o que foi aprendido. Uma aluna se mudou para a Irlanda do Norte pois sua netinha nascera e ela me enviou e-mails contando que levou todas as anotações e estava conseguindo se comunicar ao ir ao mercado ou à farmácia e estava orgulhosa de si mesma. (E2)*

*No resultado observamos que a maioria dos alunos quer aprender inglês, pois possuem contato com nativos (alguns possuem familiares que moram no exterior e aprender inglês os ajudaria na comunicação quando precisassem viajar para os visitar ou manter alguma forma de contato; outros afirmaram precisar aprender inglês pois precisam se comunicar em tal língua quando viajam a lazer para o exterior). Diante desse resultado, decidimos que a melhor forma de ensinar era através de uma metodologia voltada para viagem, ou seja, vocabulário e diálogos usados em restaurantes, hotéis, aeroportos e etc. (E3)*

### **Subseção 1.2: Os alunos se sentem muito motivados e atuam de forma proativa durante o processo de aprendizagem de línguas**

Os relatos das estagiárias deixam claro que esses alunos da terceira idade tem um alto nível de motivação e procuram cooperar sempre. Fazem seus deveres e vão além das expectativas das professoras estagiárias.

*O papel de aluno é tão bem representado por eles que todas as tarefas e propostas de trabalho são feitas com total zelo. Quando não entendem ou dúvidas surgem, eles trazem para a próxima aula e compartilham entres os outros colegas. (E1)*

*O mais surpreendente é quando eles fazem pesquisas para saber mais sobre determinado tópico, pois querem ter certeza que realmente aprenderam a matéria que foi dada sem vestígios de dúvidas. (E1)*

*Ao final da aula sempre alguns alunos vão até a mesa do professor pedir explicação, com a mesma seriedade de um aluno de curso, faculdade, etc. (E1)*

Veja abaixo algumas outras menções de dedicação e força de vontade apresentados pelos alunos:

*Em prol de tentar converter a empolgação com que os alunos chegavam na sala conversando sobre o que aconteceu durante a semana, foram criadas dinâmicas onde eles poderiam fazer uso da língua aprendida. Os resultados foram além do que o esperado, muitos deles se sentiam tão confortáveis com o ambiente proposto para a atividade, que traziam reportagens, trechos em inglês para tirar dúvidas e conversar sobre o assunto com os colegas, até mesmo criar frases inesperadas usando o próprio inglês. (E1)*

*...eles se sentem no dever de aluno, que implica cumprir todas as tarefas que são dadas pelo professor. Uma pergunta típica feita por eles ao final das aulas é- Tem dever pra casa? Isso mostra que o interesse primordial deles é o saber. Eles sempre buscam por algo mais. Ao longo do curso, é perceptível a procura deles por atividades extras, que muitas das vezes, têm por objetivo a conscientização através de dinâmicas interativas. (E1)*

*Além disso, se o professor pede três frases de dever de casa ou um verso, na aula seguinte eles aparecem com muito mais feito. Essa dedicação é inigualável, já trabalhei com faixas etárias diversas desde crianças de 4 anos até adultos mas nunca passei pela experiência de ver tão grande vontade. (E2)*

*Eu sempre passava uma tarefa nos últimos minutinhos para que terminassem em casa e, na aula seguinte, muitos vinham ansiosos para a correção. Eles realmente querem estar ali. (E2)*

Machado, Chaves e Oliveira (2009, p. 38) também mencionam esse senso de comprometimento.

Os alunos demonstram determinação e disposição para enfrentar as dificuldades inerentes ao aprendizado da língua inglesa. O senso de responsabilidade e o comprometimento com esse aprendizado são evidentes através de suas ações dentro e fora de sala de aula.

Machado, Chaves e Oliveira (2009, p. 38)

### 4.3 Asserção 2: O material didático é necessário

Confirmando a pesquisa de Paulo Roberto de Lima Lopes (2014), os alunos do programa sentem a falta de um material elaborado especialmente para atender às necessidades deles (Fig. 5).

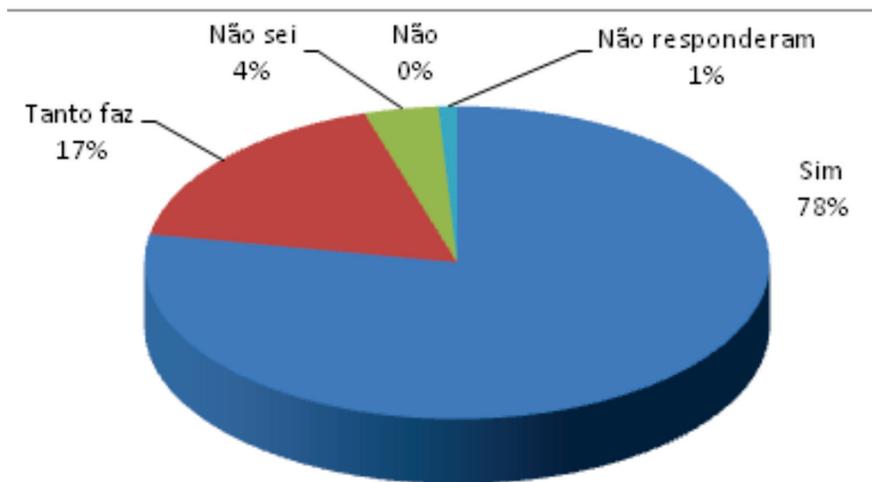


Figura 5 – Opinião quanto à adoção de livro didático

*Devido sempre viajarem e terem amigos, familiares em outros países, buscam por materiais voltados para o turismo com ênfase na oralidade, expressões e diversos contextos. Além disso, eles querem se sentir pronto para qualquer situação que lhes apareça. (E1)*

*Algumas aulas foram ministradas com materiais produzidos pelas professoras do projeto, porém logo observamos que era necessária a adoção de um livro didático, visto que alunos reclamavam de constantemente terem que tirar xerox de materiais. Diante disso, resolvemos adotar o livro **Encounters**<sup>1</sup> da editora Macmillan. Tal livro foi adotado, pois ele tem uma abordagem que corresponde com o tipo de abordagem realizada com os alunos, voltada para viagens. O livro **Encounters** tem como objetivo ensinar inglês para brasileiros que terão contato com nativos dentro do Brasil, possuindo diálogos que ocorrem em restaurantes, hotéis e aeroportos, por esse motivo determinamos que este seria um livro que se encaixa com a necessidade dos alunos. (E3)*

Como mencionamos anteriormente, a escolha do livro didático levou em consideração os critérios sugeridos por Holden (2009). No entanto, a seleção desse material não foi feita apenas pela coordenadora e estagiárias, mas os alunos também tiveram voz. Veja o Anexo 1 com a Ficha de Avaliação do Material Didático, no item 2.2 deste artigo, e o relato abaixo, de uma das estagiárias.

*O que é importante de ser mencionado é que não apenas as professoras e coordenadora do projeto decidiram pela adoção do livro, mas também os alunos. Antes de adquiri-lo, nós, professoras, levamos um livro para a sala de aula e explicamos como ele seria trabalhado, afim de que alunos pudessem ver se gostariam ou não de tal livro. Após essa “aula exemplo”, os alunos decidiram que gostaram do livro e que queriam adquiri-lo. Menos de um mês*

<sup>1</sup> ver Holden, 2012.

*depois, nós já estávamos trabalhando com os livros em sala de aula. (E3)*

Tivemos a oportunidade de passar um questionário, ao final do ano, em duas turmas. Dos 28 alunos que responderam aos questionários, 24 gostaram da adoção do material didático, para 1 não houve diferença e apenas 15 não gostaram disso. Veja, no quadro e na figura a seguir, o resultado das duas turmas em separado:

Gostaram da adoção?	Nível 3	Nível 4	Geral
<b>Sim</b>	10	14	24 (86%)
<b>Mais ou menos</b>	0	1	1 (3%)
<b>Não</b>	3	0	3 (11%)
<b>Total</b>	13	15	28

Tabela 1 - Opinião quanto à adoção de material didático

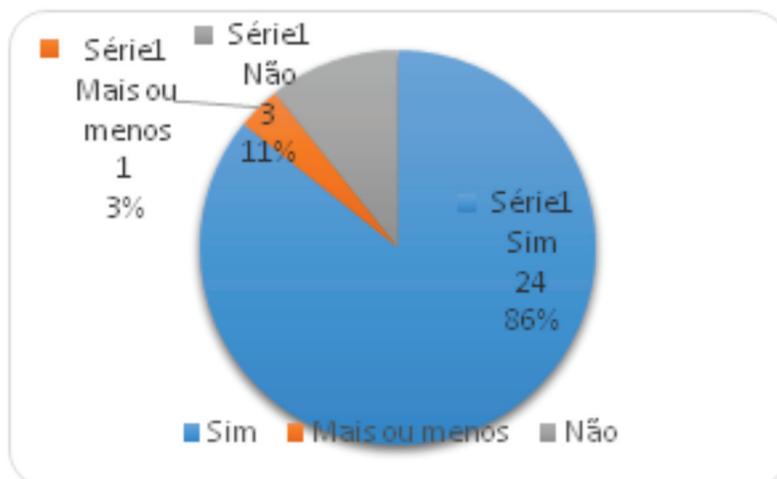


Figura 6 – Aceitação do Material Didático

Também é importante ressaltar que, apesar de a aceitação do livro didático ter sido grande, outros materiais extras continuaram a ser usados, a fim de complementar as atividades da publicação, ou fornecer recursos extras aos alunos (focando em aspectos interculturais, ou lúdicos, em especial músicas e jogos).

#### 4.4 Asserção 3: A experiência é muito gratificante para os estagiários

##### **Subasserção 3.1: A experiência como um todo foi muito positiva**

Pelos relatos das estagiárias, fica claro que a experiência foi muito positiva não só para elas, mas também para os alunos. Veja os adjetivos utilizados para descrever a experiência.

*A experiência de trabalhar como professora do projeto LICOM/LETI é muito prazerosa. (E1)*

*Isso é extremamente estimulador tanto para os alunos quanto para o professor... (E1)*

*A experiência de trabalhar com a terceira idade foi demasiadamente surpreendente. (E2)*

*Essas situações realmente dão muita felicidade. Com certeza não esquecerei essas turmas profissional e pessoalmente. (E2)*

*Para mim, professora, a experiência de dar aula no projeto LICOM/LETI também é positiva pois tenho a possibilidade de me aprimorar dentro de minha profissão. (E3)*

*...nos gratificando pela importância que temos para eles através do que ensinamos e principalmente paciência em que temos em ensinar. (E 3)*

##### **Subasserção 3.2: Transpondo a questão didática, há o lado humano da experiência**

Ao avaliarem o processo, as estagiárias incluem em seus discursos sempre a questão humana: a interação com os seus alunos extrapola a relação professor-aluno, e assume quase que uma postura familiar. Reparem como elas utilizam palavras sentimentais (carinho, respeito, valorização,...) e de relações familiares (netas, bisnetas,...).

*Todo o trabalho que fazemos com eles é reconhecido através do carinho e respeito que cada um tem por seus professores. (E1)*

*Essas situações realmente dão muita felicidade. Com certeza não esquecerei essas turmas profissional e pessoalmente. (E2)*

*Você imagina que eles teriam problemas com professores mais novos mas, na verdade, eles quase que adotam o professor como neto, no entanto, respeitam quando passamos deveres de casa e quando pedimos silêncio - na maioria das vezes. (E2)*

*... não é uma boa experiência de aperfeiçoamento apenas para professores, mas para qualquer ser humano. Os alunos da UnATI são super carinhosos e receptivos, talvez por já terem vivido bastante, eles já tenham adquirido bagagem necessária para valorizar um professor. Apesar de nós professoras geralmente termos idade para ser netas ou até bisnetas dos alunos, eles sempre nos respeitam e nos valorizam como professor, nos gratificando pela importância que temos para eles .... (E 3)*

Outro ponto importante é a socialização entre os participantes.

*Nessa hora eles colocam em prática o quesito socialização, pois as atividades exigem total comunicação com seus colegas, fazendo uso da língua que está aprendendo. O saber e a*

*socialização se torna uma via de mão dupla.* (E1)

*Além disso, ver que muitos criaram amizades é muito interessante. São pessoas muito diferentes de distintas classes sociais, raças, situações familiares e, ao terminar a aula, vão tomar um cafezinho juntas ou combinam um cinema. Eu sempre tentei estimular esse tipo de interação, principalmente pois a maior porcentagem de nossos alunos demonstraram ser mulheres solteiras, divorciadas e viúvas acima dos 65 anos.* (E2)

## 5. Considerações Finais

Para concluir, o resultado geral é positivo. No final do ano, os alunos disseram que adoraram o livro didático e que querem continuar a usá-lo em 2015. Eles afirmaram que o livro material didático ensina o que querem aprender e que também ajuda na organização, visto que os estudantes não têm mais um amontoado de folhas de exercícios.

Confirmando a pesquisa de Lopes (2014), os alunos do LICOM/LETI mostraram interesse por um livro didático elaborado que supra suas necessidades. Devido a sempre viajarem e terem amigos e familiares em outros países, buscam por materiais voltados para o turismo, com ênfase na oralidade e em expressões de diversos contextos. Além disso, esses estudantes querem se sentir prontos para qualquer situação que lhes apareça. Deste modo, com o material escolhido por nós, que contém os mais diversos diálogos e atividades, esses alunos conseguem vivenciar situações reais de um turista. Ensinar realmente o que eles vão usar na prática é fazer cada um deles sair da aula com o dever cumprido. Isso tem feito total diferença no aprendizado.

Há a necessidade de desenvolvimento de material específico para este público, mas, por enquanto, seguimos ouvindo os alunos, que pedem um livro principalmente para facilitar a consolidação dos conhecimentos adquiridos durante o curso. Tentamos adaptar o que temos no mercado, sem deixar de usar o principal recurso: a criatividade de todas as pessoas envolvidas no processo (alunos, professores estagiários e coordenação).

## Referências

- ALMEIDA, M. H. M., BERGER, M. L. M.; WATANABE, H. A. W. *Oficina de memória para idosos: estratégia para promoção da saúde. Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, São Paulo, v. 11, n. 22, mai./ago. 2007.
- BORTONI-RICARDO, S. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola, 2008.
- CARDOSO, J. *Aprendizagem de idiomas na terceira idade: muito além de um passatempo*. Pôster apresentado no Congresso Brasileiro de Geriatria e Gerontologia e publicado na Revista Eletrônica CGBB. Rio de Janeiro: SBGG, 2012.

- CARDOSO, J. *Needs analysis: Learners' needs or teachers' assumptions*. IATEFL 1999 Edinburgh Conference Selections. Kent: IATEFL, 1999.
- CARDOSO, J.; Oliveira, C. da S.; Rego, T. B. *Línguas estrangeiras na Unati-Uerj: quem são os alunos de inglês? Pôster apresentado na UERJ Sem Muros 2010*.
- DANTAS, R. *Inglês na UnATI: para quem e para quê? Pôster apresentado na UERJ Sem Muros 2008*.
- GONÇALVES, R. P. *Envelhecer bem: recriando o cotidiano*. Rio de Janeiro: Aquariana, 2010.
- GUERREIRO, T.; CALDAS, C. P. *Memória e demência: (re)conhecimento e cuidado*. Rio de Janeiro: UnATI/UERJ, 2001.
- HOLDEN, S. *Encounters: English here and now*. São Paulo: Macmillan, 2012. [níveis utilizados: Beginner e Elementary].
- \_\_\_\_\_. *O ensino da língua inglesa nos dias atuais*. São Paulo: SBS, 2009
- LIMA, M. A. *A Gestão da experiência de envelhecer em um programa para a terceira idade: a UnATI/UERJ*. In Veras, Renato. *Velhice numa perspectiva de futuro saudável*. Rio de Janeiro: UnATI-UERJ, 2001.
- LOPES, P. R. *Inglês para terceira idade: investigando o contexto UnATI/UERJ visando à elaboração de material didático (Dissertação de Mestrado)*. Rio de Janeiro: UERJ, 2014.
- MACHADO, H. B.; CHAVES, M. I.; OLIVEIRA, R. C. da S. *Inglês na terceira idade: um sonho tornando-se realidade*. *Revista Conexão*, Ponta Grossa, UEPG, v. 05, n. 01, 2009. Disponível em <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/conexao/article/view/3774>>. Acesso em 26/01/15.
- RELVAS, M. *Fundamentos biológicos da educação: despertando inteligências e afetividade no processo de aprendizagem*. Rio de Janeiro: Wak, 2005.
- ROSNAY, J. et al. *Ganhei mais vida!/: o que fazer com a longevidade?* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- TOMLINSON, B.; MASUHARA, H. *A elaboração de materiais para curso de idiomas*. Trad. Cruz Gouveia. São Paulo: SBS, 2005. [Título original: Developing language course materials].
- VERAS, R.; CALDAS, C. *UnATI-UERJ – 10 anos: Um modelo de cuidado integral para a população que envelhece*. Rio de Janeiro: UnATI-UERJ, 2004

**ANEXO****FICHA DE AVALIAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO**

**NÍVEL:** Básico

**FAIXA ETÁRIA:** acima de 60 anos

**HORAS POR SEMANA:** 2 a 3 horas

**NÚMERO DE ALUNOS:** cerca de 20

**EQUIPAMENTOS DISPONÍVEIS:** Toca CDs (todas aulas) / DVD e computador (somente se fizer agendamento)

**ACESSO À INTERNET EM SALA:** Muito raramente

**ACESSO À INTERNET FORA DA ESCOLA:** Maioria dos alunos e todos os estagiários têm

**OUTROS MATERIAIS A SEREM UTILIZADOS:** Jogos, músicas, outras atividades lúdicas, livros de leitura

**MATERIAL ATUAL:** Folhas preparadas pelos estagiários

**PONTOS FORTES:** totalmente customizados

**PONTOS FRACOS:** gastos com cópias, problemas de consolidação do conhecimento, problemas de memorização do conteúdo, sem apelo visual, o aluno não tem acesso ao áudio, não conseguem sentir progresso no aprendizado.

**RELEVÂNCIA DOS ASSUNTOS PARA OS INTERESSES DOS ALUNOS:** O material é totalmente voltado para viagens e conversas com turistas, o principal objetivo deles.

**CONTEÚDO ATUALIZADO:** Sim

**VARIEDADE DE ATIVIDADES:** Atividades desenvolvem diferente tipos de competências linguísticas. Exercícios de consolidação de vocabulário, gramática e funções comunicativas; Pesquisa-ação com os próprios alunos avaliando o que já sabem e como estudar (estratégias de aprendizagem)

**VISUAL:** Colorido e leve, com fotos, e quadros ilustrativos, bom espaço para escrever as respostas

**PREÇO:** Bem barato se comparado com os demais materiais (cerca de R\$ 50) em 2014.

**ADEQUAÇÃO DO VOCABULÁRIO AO NÍVEL E À IDADE DOS ALUNOS:** Todos o vocabulário é para um público adulto, as fotos são de adultos, ao final há um minidicionário inglês-português/português-inglês, ao final de cada unidade tem um quick check, onde eles podem traduzir as principais palavras apresentadas na unidade.

**VOCABULÁRIO CLARAMENTE CONTEXTUALIZADO:** Como o livro foi inicialmente elaborado para o pessoal que trabalha no turismo, todos os diálogos estão contextualizados.

**CONTEÚDO INTERCULTURAL:** Como o material foi preparado para brasileiros que terão que lidar com estrangeiros, há muitas questões interculturais que são abordadas abertamente.

**MATERIAL SONORO:** CDs acompanham o livro do aluno

**ACEITAÇÃO PELOS PRÓPRIOS ALUNOS:** Antes da adoção, eles fizeram uma avaliação. Durante o período, avaliação informal, ao final do período avaliação formal. Aceitação OK.

**ACEITAÇÃO PELOS ESTAGIÁRIOS:** Avaliação constante. Aceitação OK.

**MATERIAL ESCOLHIDO:** 2014: Níveis 1 e 2: Encounters Beginner; Níveis 3 e 4: Encounters Elementary

2015: Níveis 1: Encounters Beginner; Níveis 2 e 3: Encounters Elementary; Nível 4: Let's Talk 1 Encounters (Ed. Macmillan) / Let's Talk (Ed. Cambridge)